

O Programa de Bolsas do CNPq no País

Em várias ocasiões, individualmente ou através das sociedades científicas e institutos de pesquisa, a comunidade científica tem reclamado contra a ineficiência do CNPq no atendimento de seus pedidos. De fato, não há que negar que a administração/burocracia do CNPq deixa muito a desejar quanto à rapidez na análise dos projetos e aquisição de reagentes/equipamentos, ao acompanhamento e avaliação do desempenho do pós-graduando ou pesquisador, à precisão no fornecimento de informações e mesmo à coordenação entre os setores protocolo/gerência/diretoria/superintendência.

É claro, as raízes destes entraves percorrem a prática empreguista da política nacional, falta de continuidade nos programas na ocasião de troca dos dirigentes, o desfalque produzido no corpo de funcionários competentes do CNPq pelos Ministérios e as normas restritivas de importação ditadas pelos Ministérios da Fazenda e do Planejamento. Até hoje, aqueles Ministérios não reconheceram a maioria dos cientistas brasileiros para, por exemplo, decidir livremente sobre a importação dos equipamentos de que necessitam, para receber doações do exterior e para gerenciar os fundos de pesquisa com liberdade, tão necessária nestes tempos de inflação galopante (vide Editoria da Ciência e Cultura, Abril, 1988). Hoje em dia, os orçamentos mesmo de equipamentos nacionais são baseados em OTNs ou dólares.

Temos, entretanto, de reconhecer quão acertada tem sido a política de bolsas implantada no país para pós-graduandos e pesquisadores. Até pouco tempo atrás, as bolsas dos pós-graduandos mal garantiam sua subsistência forçando muitos deles a residirem em cortiços, a se alimentarem muito, muito mal, e a dividir seu tempo, entre a pesquisa e "bicos" para completarem o orçamento. Os inúmeros programas de desenvolvimento científico e tecnológico, apregoados com tanta pompa e saliva, esbarravam na dura realidade de pesquisadores com sérios problemas financeiros, abatendo seu moral e prejudicando sua vida familiar. Como e por quê dedicar-se à pesquisa com garra e contentamento com falta de perspectivas de progresso sócio-econômico pessoal, paralelo ao progresso científico e tecnológico do país?

A prioridade dada recentemente pelo CNPq, e merecidamente, ao atendimento dos pesquisadores e estudantes resultou em valores de bolsas que, no caso dos pós-graduandos, permitem um padrão de vida decente (dentro da realidade brasileira) e, no dos orientadores com desempenho científico satisfatório, uma "complementação salarial" que atinge 30 – 50% dos rendimentos mensais em alguns casos. Os recursos alocados para os bolsistas de pesquisa do CNPq foram, em 1986 e 1987, cerca de 217 e 917 milhões de cruzados, respectivamente, representando aproximadamente 50 e 30% do volume total de recursos para bolsas no país (Tabela). Em 1986 e 1987, 222 e 244 pesquisadores químicos, respectivamente, foram beneficiados com bolsas do CNPq. Se lembrarmos que o país deve ter atualmente cerca de 500 doutores em química, em sua maior parte atuando na pesquisa universitária, a parcela de pesquisadores bolsistas é consideravelmente grande. O total de bolsas de pesquisa concedidas pelo CNPq no ano passado foi de 5.009, representando 1/5 do número total de bolsas outorgadas pelo CNPq no país.

Dentro destas novas condições, o pesquisador é poupado de preocupações financeiras e frustração profissional e pode dedicar-se a momentos de reflexão e criação mais longos e profundos. Sem a bolsa do CNPq, os pesquisadores não aquirem heranças de família, com cônjuge não-docente universitário e com família numerosa, não poderiam ser tão produtivos e competitivos como seus colegas com menos problemas financeiros. Daí a importância de o CNPq continuar defendendo enfaticamente a manutenção deste programa de bolsas junto aos Ministérios e à Presidência da República.

É preciso considerar, ainda, que embora a bolsa de pesquisa tenha constituído um instrumento importante de incentivo ao desempenho científico, premiando aqueles mais produtivos, ela se constitui em situação transitória, não é incorporável ao salário para fins de aposentadoria, interfere nas campanhas salariais por quebrar a isonomia salarial, e, mais importantes, não beneficia os colegas que têm como vocação principal o ensino e/ou a prestação de serviços à comunidade, tão importantes quanto a própria produção de conhecimento. Com a palavra a CAPES, que deveria pensar sobre o incentivo ao docente produtivo no ensino, divulgação científica e prestação de serviços.

Diretoria da SBQ

Programa de Bolsas do CNPq no País (a)

Áreas	Número de Bolsas de Pesquisa		Número Total de Bolsas (b)	
	1986	1987	1986	1987
Física	321	371	828	1.076
Química	222	244	662	949
Matemática	85	109	416	638
Geociências	226	246	521	699
Sub-Total 1	854	970	2.427	3.362
Saúde	1.046	1.147	2.618	3.527
Agrárias	1.406	1.521	3.051	4.102
Engenharias	458	520	1.860	1.566
Humanas e Sociais	768	851	2.732	4.127
Sub-Total 2	3.678	4.039	10.261	14.322
Total Geral (c)	4.532	5.009	12.688	17.684

(a) Dados da Diretoria de Planejamento e Gestão do CNPq

(b) Iniciação Científica, Aperfeiçoamento, Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado

(c) Investimento em cruzados: Em 1986, 461,3 milhões dos quais 217,0 milhões foram aplicados em bolsas de pesquisa; em 1987, 2.949,0 e 916,7 milhões, respectivamente.